

IMPLICAÇÕES DA LEI DO VENTRE-LIVRE NOS REGISTROS DE BATISMO LUTERANOS EM SANTA MARIA DO MUNDO NOVO

Daiane Arend Flores de Oliveira¹
Claudia Schemes²

RESUMO

Este artigo aborda questões das crianças nascidas entre o período da Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871) à abolição da escravidão (13 de maio de 1888), as chamadas “ingênuas” registradas nos livros eclesiásticos luteranos na Colônia de Santa Maria do Mundo Novo, cuja paróquia atualmente refere-se à de Igrejinha/RS. O trabalho permeia sobre a escravidão no Brasil, com ênfase à escravidão negra, passando por ações abolicionistas, tendo ênfase na lei do Ventre Livre com respectivas influências ao cotidiano das crianças atingidas por ela. Tendo como objetivo principal refletir sobre a lei do Ventre Livre no cenário brasileiro e sul-riograndense, identificando a quantidade de crianças ingênuas nascidas a partir da Lei no Vale do Paranhana, em um primeiro momento é apresentado o espaço histórico-geográfico sobre o qual busca verificar-se o número de ingênuos, sendo que em seguida são analisadas produções historiográficas a respeito da escravidão e da infância no Brasil. Posteriormente, analisam-se livros de assentamentos religiosos para a verificação do número de crianças filhas de escravos batizadas durante o período que abrange a Lei do Ventre Livre até a abolição da escravidão no Vale do Paranhana; há descrições e análises das informações obtidas a partir do levantamento, bem como relação das mesmas com fontes primárias (testamentos) e produções historiográficas.

Palavras-chave: Escravidão negra, Infância, Ingênuos, Vale do Paranhana.

Uma significativa mudança no panorama brasileiro em termos de libertação foi a aprovação da Lei nº 2040, de 28/09/1871, conhecida como Lei do Ventre Livre. Esta lei - que causou grande agito no parlamento - estipulou em seu artigo 1º que os “filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei serão considerados de condição livre” (BRASIL, Lei do Ventre Livre, 1871). Os filhos de escravas nascidos após a determinação desta lei foram chamados de ingênuos ou inocentes.

¹ Licenciada em História pela Universidade Feevale - daianearend@feevale.br

² Professora Dr^a, docente nos cursos de graduação de História e Moda e Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale - claudias@feevale.br

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

Assim como nas determinações legais anteriores relacionadas a escravos, houve lacunas nessa lei que possibilitaram que os senhores continuassem com a servidão dos nascituros; o primeiro inciso do artigo um, determinava que as crianças permanecessem com os senhores de suas mães, devendo estes “criá-los e tratá-los” até oito anos de idade; quando completassem esta idade os senhores optariam em continuar utilizando a mão-de-obra da criança filha de escrava até que atingisse 21 anos de idade ou então entregá-la ao Estado, recebendo 600\$000 réis como indenização. Em razão do grande número de senhores que pudessem solicitar indenizações - o que não era interessante para Estado Imperial, pois conforme Moreira; Mugge (2014) não havia intenção e condições para abranger o cuidado com todas as crianças ingênuas – houve precauções provenientes do Estado, que indicava (inclusive em publicações circulares) que os senhores permanecessem com os ingênuos sob sua autoridade.

De fato, muitos senhores optaram por continuar com os trabalhos dos ingênuos até que completassem 21 anos (como estipulava a lei), pois o custo-benefício era mais interessante.

Tendo como embasamentos fundamentais a possibilidade de libertação de filhos de escravas, alforria impelida e pecúlio, a Lei do Ventre Livre proporcionou a criação de um Fundo de Emancipação nas províncias, com a finalidade da compra de liberdade de escravos (artigo 3º) e outras inovações importantes, tais como

[...] a legitimação dos pecúlios acumulados pelos escravos visando a alforria (artigo 4º), a matrícula de todos os escravos existentes no Império (artigo 8º) e a proibição em “qualquer caso de alienação ou transmissão de escravos” de “separar os cônjuges e os filhos menores de doze anos do pai ou da mãe” (artigo 4º, §7º). (MOREIRA; MUGGE, 2014, p.56).

Em muitos casos, os senhores não seguiram as determinações, transgredindo vários aspectos. Alguns, por exemplo, observaram que alugar as mães como amas-de-leite também seria vantajoso, uma vez que era “uma das profissões mais rentáveis executadas pelas cativas urbanas” (MOREIRA; MUGGE, 2014, p.58); os filhos destas amas-de-leite nem sempre puderam ser amamentados e mesmo com a

Lei do Ventre Livre - que conferia muito respaldo se comparado como fora até então – os ingênuos foram sujeitados ao infanticídio e também à roda dos expostos.³

A Igreja Católica, considerada oficial e tida como única apropriada na doutrinação religiosa dos cativos (desde os tempos coloniais) também foi sujeita a normatização, já que o §5º do artigo 8º instituía que os párocos tivessem “livros especiais para o registro do nascimento e óbitos dos filhos de escravas, nascidos desde a data desta lei. Cada omissão sujeitará os párocos à multa de 100\$000.” (BRASIL, Lei do Ventre Livre, 1871). Através da pesquisa e levantamento de cada um destes livros eclesiásticos, é possível averiguar os números de ingênuos em suas localidades, e também apreender informações a respeito de suas mães e respectivos senhores.

Da mesma forma como na fé católica, o batismo de escravos na profissão luterana (protestante) não representava qualquer probabilidade de liberdade. Conforme Moreira; Mugge (2014), no ano de 1713 em Nova Iorque (EUA) um pastor realizou o primeiro batismo de um escravo, sendo que tal sacramento não apresentava aos luteranos um modo de alforria e/ou emancipação.

Ao buscar os registros de batismo luteranos nos livros eclesiásticos, logo surgem as particularidades. É importante saber que os livros eclesiásticos ficam guardados em cada secretaria paroquial conforme município e/ou distrito, não em um centro comum.

Sabendo que todos os registros luterano-protestantes da região que compunha Santa Maria do Mundo Novo (que atualmente forma parte do Vale do Paranhana), referentes ao período de 1871 a 1888 eram realizados nos atuais municípios de Igrejinha e Taquara, foram consultados os livros de batismo destas paróquias.

Deve-se compreender que, no período delimitado entre o estabelecimento da Lei do Ventre Livre (1871) e a abolição da escravidão no Brasil (1888), a região denominada Santa Maria do Mundo Novo já estava estabelecida, oriunda da colônia fundada por Tristão Jozé Monteiro, cuja propriedade fora adquirida por ele e seu

³ Nesta roda, encontrada nas ditas Santa Casa e Casa dos Expostos - instaladas a partir do século XVIII, no Brasil - eram colocadas as crianças cujas famílias não tinham interesse. Chamada de roda dos expostos ou roda dos enjeitados, consistia em um cilindro giratório que permitia que crianças fossem colocadas do lado de fora sem que a pessoa que os colocava fosse vista.

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

sócio Jorge Eggers em 1845. Remotamente, o território consistia em parte da sesmaria que pertencia ao negociante de Porto Alegre, Antonio Borges de Almeida Liaens (Leans ou ainda, Leães) que em 1813 solicitou uma sesmaria nas margens do Rio do Sinos, recebendo-a, então, no ano de 1814. “[...] D. Diogo de Souza. Este é o comandante que concedeu uma sesmaria de terras a Antonio Borges de Almeida Leans, e que originou a Fazenda Mundo Novo.” (REINHEIMER, 2005, p. 14). Com a morte do proprietário, esta fazenda foi vendida pela viúva em 1845 à Tristão Monteiro e Jorge Eggers; Monteiro e Eggers romperam a sociedade em 1846, ano em que Monteiro iniciou a Colônia do Mundo Novo, sendo esta, empreendimento imobiliário no Distrito de Pinhal (relembrando que Santa Christina do Pinhal já era regulado enquanto 2º Distrito de São Leopoldo).

Então, em outubro de 1846, Tristão Jozé Monteiro chegou com sua família para dar início ao seu empreendimento, a fundação da colônia do Mundo Novo. Magalhães (2003) afirma que a Colônia foi dividida em terrenos, chamados de colônias. As vendas se realizaram neste mesmo ano.

As colônias estão divididas em loteamentos denominados de Rio Santa Maria-margem oriental, Rio Santa Maria-margem ocidental, Fazenda de Tristão Jozé Monteiro, Estrada da Serra-Taquara e Estrada da Serra-lado ocidental. A terra é cativa porque é adquirida através de compra, agrega valor, representando investimento no setor imobiliário. Na Fazenda de Tristão Jozé Monteiro há cinco colônias e uma área independente. Nesta área independente estão os europeus não alemães [...] (MAGALHÃES, 2003, p. 310).

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

As denominações e “apelidos” das localidades da Colônia do Mundo Novo, deram-se ao longo dos anos, de maneira interessante e porque não se dizer, até mesmo curiosa⁴.

Duas construções foram marcos em Santa Maria do Mundo Novo: a primeira foi a construção da Casa de Pedra (primeira construção de pedras com reboco, chamada pelos imigrantes de *Steines Haus*) que além de moradia do colonizador Tristão Jozé Monteiro e sua família, era ponto comercial e foi abrigo aos imigrantes que adquiriam os lotes, chegados de São Leopoldo, já a segunda construção tida como marco, foi a igreja luterana; é importante frisar que nem todos os moradores da Colônia eram evangélicos luteranos (havia judeus, católicos em menor número), mas esta era a confissão religiosa predominante.

Após a instalação dos colonos, a partir de 1850 um pastor vinha a cada três ou quatro meses de Campo Bom para celebrar cultos na residência de algum membro (ENGELMANN, 2005, p. 103); logo, a comunidade elegeu dentre eles um pastor (o alfaiate Cristoph Schäfer) e começou a organizar-se quanto à construção do prédio, de modo que todos os membros da comunidade contribuíssem de alguma forma.

⁴⁴ [...] O nome mais curioso [para Taquara] foi o de Schlechtes Viertel, que no vernáculo é “mau recanto” [...] supõe-se que provavelmente foi em referência às dificuldades e à necessidade de lutar contra elas no princípio [...] O núcleo ao norte, acima do “Mau Recanto”, recebera a denominação de Steinhaus (Casa de Pedra). [...] A parte do meio do vale do Santa Maria que foi colonizada logo depois, recebeu o nome de Média Santa Maria [...] pelo fato de achar-se no meio do Caminho entre Taquara e Sander, [...] no último quartel do século passado, surgiram os apelidos de Judengasse e Lappland [...] estes dois nomes têm uma história divertida e pitoresca. Um dos primeiros moradores da Média Santa Maria (atual Igrejinha), Mathias Lodz [...] inicialmente fora lá professor e depois dedicou-se ao comércio, estabelecendo-se com uma “venda” na rua principal do lugarejo [...] Lodz, com o intuito de progredir nos seus negócios, parou-se então na porta de sua casa e atacava todos os transeuntes, incitando-os para que ali entrassem, fazendo lá suas compras [...] procurava então desfazer seus concorrentes, chamando-os de relaxados e insinuando: “*Não comprem destes relaxados!*” (“Kauft net bei denen lappichen Kerlen”) [...] em pouco tempo, influenciados pela rivalidade e bairrismo, pessoas da “Média Santa Maria” se aproveitaram da situação, aplicando o termo a todos do lugar daquela terra. Sendo a tradução da palavra terra para o alemão “land”, formou-se o topônimo Lappland (Terra dos Relaxados). Ciente desta difamação, Jürgensen revidou da mesma maneira, dizendo: “*Que pretende este judeu, que cuide de seu boteco e de sua ruela*”. Ora, como ruela em alemão é “gasse” e “Jude” judeu, prontamente formou-se o nome pejorativo de Judengasse, isto é Ruela dos Judeus. [...] duas localidades foram depois denominadas de Santa Maria do Mundo Novo, que gerou esta confusão. Mais tarde, por ter sido edificada na Média Santa Maria a primeira igrejinha, pois era este local a sede da paróquia evangélica da região, o lugar ficou também conhecido com o nome de “Igrejinha”, e que aos poucos foi adotado definitivamente. Enquanto isto a Santa Maria de Cima continuava com o nome antigo, até o ano de 1904, quando foi criado o distrito, mudando então para “Mundo Novo”. Em 1938, mudou-se definitivamente o nome daquele lugar para Três Coroas. (ENGELMAN, 2005, p. 161 - 163).

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

É fundamental mencionar que “até 1874, era a única igreja em toda a região de Santa Maria do Mundo Novo”. (ENGELMANN, 2005, p. 117), pois somente a 18 de janeiro daquele ano, foi instalada a Igreja da Paz em Taquara. Conforme relatório da comunidade, em 1886 além da comunidade central, a paróquia compreendia as localidades de Taquara, Alta Santa Maria (Três Coroas), Voluntária, Serra Grande, Solitária, Lajeado (pertencentes à Igreja) e Rio da Ilha (atualmente distrito de Taquara). Engelmann afirma que em 1885 o prédio estava por ruir e assim, resolveram construir um novo templo, iniciando sua construção imediatamente. Três sinos fundidos, encomendados pelo pastor Johann Rudolf Dietschi na Alemanha foram instalados em uma torre de madeira em 1886, sendo que no ano de 1990, foi inaugurada a torre da Igreja Gabriel⁵.

Havia grande preocupação em realizar todos os registros eclesiásticos, havendo livros distintos, referentes a batismos, confirmações, casamentos e sepultamentos. Os registros equivalentes à paróquia de Taquara, anotados nos livros da paróquia de Igreja (já que esta é anterior a primeira), foram “repassados” aos livros eclesiásticos de Taquara quando tal paróquia foi fundada – nestes, não foram encontrados registro de escravos e/ou ingênuos.

Já na paróquia de Igreja, propriamente sobre os registros de crianças ingênuas, verificou-se que os pastores registravam as crianças filhas de escrava no mesmo livro no qual assentava os batismos de crianças filhas de pais livre, ou seja, o artigo 8º da Lei de 1871 não foi obedecido. Foram encontrados seis registro de escravos apenas, sendo que destes, quatro são de ingênuos. Interessante é que a primeira criança escrava batizada na comunidade luterana foi Venâncio Koch em 01/02/1859, cuja referência à mãe é “uma escrava de Franz Koch”. Este menino leva o sobrenome de seu senhor, “prática que parece usual entre os escravistas protestantes” (MOREIRA; MUGGE, 2014, p.53). A próxima criança filha de escravos a ser batizada foi Maria Lina Romann, em 18/4/1870 nascida 08/03/1870 filha dos escravos Manoel Romann e Kantina Anton.

⁵ A igreja que uniu a comunidade em sua construção e posteriormente foi refeita, recebeu o nome de Igreja Gabriel em homenagem a primeira criança batizada nela, Gabriel Ritter.

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

Quadro 1 - Levantamento de crianças ingênuas nos registros de batismo luteranos – Paróquia de Igrejinha 1871-1888

Nome	Data do batismo	Local do batismo	Data de nascimento	Mãe	Dono (senhor)	Padrinhos
Margaretha OBS: consta como "escrava"	02/02/1873	Alta St ^a Maria	não consta	Cantinha e pai Imanuel	Franz Koch	Adam Wilbert e Margaretha Wilbert
Heinrich OBS: consta como "escravo"	09/11/1873	Media St ^a Maria	19/09/1873	Candinha e pai Imanuel	Franz Koch	Henrich Werb e Margaretha Werb
Charlotte Wilhelmine OBS: consta como "escrava"	05/03/1876	Media St ^a Maria	30/12/1875	Candinha e pai Emanuel	Franz Koch	Franz Silves Piangers e esposa Charlotte Juliana Piangers
Herrmann Peter OBS: consta como "escravo"	18/08/1878	Casa de Franz Koch	29/11/1877	Candinha e pai Imanuel	Franz Koch	Peter Sander e Hermine Sander

Ao analisar este levantamento, logo se percebe algumas particularidades: todas as crianças têm padrinhos de origem germânica e receberam o nome de um destes. Os quatro ingênuos são filhos do mesmo casal (a grafia dos nomes é variada nos registros, mas leva a entender que são as mesmas pessoas). Diferente dos assentamentos católicos, não há anotação indicando se a criança é filha natural ou filha legítima e nos quatro registros, a criança consta claramente como “escrava”, ignorando-se totalmente a Lei do Ventre Livre e sua possibilidade de liberdade aos filhos de escrava nascidos depois da mesma; chama atenção verificar que nos registros luteranos, há um senhor, dono do mesmo casal de escravos, que gerou as crianças que deveriam ser reconhecidas como ingênuas.

Sendo os pais e respectivos filhos pertencentes ao mesmo senhor, cabe relacionar informações com algumas produções historiográficas acerca do senhor Franz Cristhian Koch, mencionando que ele foi um dos primeiros colonizadores de Igrejinha, fixando-se na localidade que hoje faz parte do bairro Garibaldi.

Na época, esse imigrante, trouxe consigo, além da esposa, alguns escravos negros comprados na capital gaúcha, para lhe servirem e trabalharem na

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

agricultura. Os últimos escravos que adquiriu por uma onça de ouro cada um, correspondente a 11 gramas de ouro, foram Chico, Manuel e Candinha. Após terem construído a casa de seu proprietário, conta-se que, à noite, os escravos dormiam presos a grilhões de ferro no sótão de casa em um só quarto. (SANDER; MOHR, 2004, p. 65).

Aí temos outro registro de Manuel e Candinha. Buscaram-se documentos referentes à compra dos mesmos, mas não foram localizados registros nos documentos do Arquivo Público do Estado do Rio Grande Do Sul.

Quanto ao escravo Chico, seria ele o retratado em um episódio ocorrido por ordem do senhor Franz Koch?

Certo dia, Franz Koch impingiu um doloroso castigo a um escravo seu, mandando amarrá-lo sobre o telhado de zinco da casa e esquecendo-o ali, fato que levou o escravo à morte, alguns dias após. Este, antes de morrer, teria amaldiçoado Franz Koch, desejando-lhe uma morte muito pior que a sua e que ele apodrecesse vivo de uma terrível doença e morresse somente após o primeiro sobrevôo dos abutres sobre a propriedade. E de fato isto aconteceu. Franz Cristhian Koch faleceu após terrível e insidiosa doença, em 25 de novembro de 1878. (ENGELMANN, 2005, v. 2, p. 609).

Não há datação sobre o fato, mas através do levantamento de ingênuos, sabe-se que Chico não deixou herdeiros. Há hipótese de que ele seria o pai de Venâncio (nascido em 1859), cuja mãe é dita como “uma escrava de Franz Koch” e pai não consta, um silenciamento de sujeitos que não permite maiores averiguações.

Apesar de relatos apontarem Franz como rude e enérgico em relação aos seus escravos, ele apreciava muito Manuel (o pai dos ingênuos) do qual, tem-se algumas passagens historiográficas:

[...] tendo trazido junto com ele, para o Mundo Novo, alguns negros, entre eles um de extrema confiança e servilidade de nome Manuel, que em alemão era chamado de “Monevel”. [...] Contava Nicolau Engelmann, que era vizinho de frente do já velho Franz Koch, que este convidou-o para a festa de seu aniversário, ocasião em que a carne foi assada pelo fiel escravo Manuel. Todos comeram fartamente. Quando Engelmann percebeu que só os negros não deveriam comer e foi falar com Manuel, ele lhe disse que não se preocupasse, pois a sua parte ele lá havia providenciado. Terminado o farto almoço, Koch deu ordem para que os negros pudessem avançar tal qual cães sobre os restos de ossos e carne, quando irrompeu um grande incêndio no paiol principal, que era, também, a senzala dos escravos. O telhado deste paiol era coberto com “santa fé” e o velho escravo Manuel, na ânsia de guardar um pouco de carne para si e seus familiares, jogou um naco completo de carne, espetado em um pedaço de taquara, em cima do telhado, o que causou, através de uma brasa

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

incandescente, um incêndio de grandes proporções que, felizmente, como havia muitas pessoas na festa, conseguiu ser debelado. (ENGELMANN, 2005, v. 2, p. 607, 609).

Segundo Engelmann (2005), Franz levava ao batismo seus filhos e filhos de seus escravos, sendo que incitava-os a terem mais filhos. Pelas lacunas históricas e documentais, não é possível afirmar o número total de escravos de Franz Koch, nem realmente estabelecer se apenas os familiares de Manuel e Candinha compunham o plantel de escravos de Koch ou se de fato, havia outros escravos não eram familiares de Manuel e Candinha.

Sabe-se que após a morte de Koch, sua segunda esposa prosseguiu com o trabalho no moinho, fazendo farinha de mandioca, garantindo trabalho e a subsistência dos escravos. Levando em conta que as crianças negras de Franz Koch nascidas após a Lei do Ventre Livre não foram reconhecidas como ingênuas, sabe-se que permaneceram em ofícios da lavoura e realizando tarefas domiciliares.

Após a abolição da escravidão, os escravos não abandonaram seus locais, pois “dos escravos e seus descendentes, podemos afirmar que continuaram morando em Garibaldi, falando alemão e convivendo, pacificamente, com os demais colonos alemães” (ENGELMANN, 2005, p. 611). Engelman afirma que naquela localidade (denominada Vale Campo dos Pretos, no início do século XX), por volta de 1905 havia uma bandinha, integrada por dois irmãos brancos e sete irmãos pretos, estes que, falavam alemão fluentemente, já que eram filhos de ex-escravos de Koch e reconheciam-se como alemães.

Em suma, sobre os registros luteranos da paróquia de Santa Maria do Mundo Novo (hoje correspondente à paróquia de Igrejinha) há quatro crianças nascidas depois da Lei do Ventre Livre, sobre quais se entende que permaneceram como escravas e talvez, nunca tenham tido conhecimento desta lei. Verificou-se, pela análise dos assentamentos de crianças filhas de escravos que as determinações da Lei do Ventre Livre não foram seguidas, pois tais crianças foram observadas como escravas, sendo registradas no mesmo livro que as crianças livres. Tais crianças foram esquecidas ao longo do tempo, assim como seus pais, pois muitas pessoas da cidade de Igrejinha desconhecem que nela havia escravos e mais ainda, que a casa de Franz Koch e senzala ainda encontram-se de pé.

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

Sobre as lacunas ao longo da história, pode-se dizer que desvendar informações ocultas é tarefa complexa e desafiadora, pois muito foi silenciado ao longo dos tempos, levando ao esquecimento ou desconhecimento. Buscar fontes diversas, analisar e compará-las permite trazer a tona alguns aspectos, permitindo assim, que sujeitos que poderiam permanecer no anonimato histórico, sejam descobertos e valorizados enquanto participantes dos processos históricos nos quais estavam inseridos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei do Ventre Livre**. 1871. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496715/Lei%20do%20Ventre%20Livre%20-%201871.pdf?sequence=1>> Acesso em: 22 mar. 2015.
- ENGELMANN, Erni G. **A Sagra dos Alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo**. V. II. Igrejinha: Editora Comunicação Impressa, 2005.
- MAGALHÃES, Dóris R. F. **Terras, senhores, homens livres, colonos e escravos na Fronteira no Vale do Sinos**. 2003; 574 f; Tese (Doutorado em Programa de Pós Graduação Em História). Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- MOREIRA, Paulo R. S., MUGGE, Miquéias H. **Histórias de Escravos e Senhores em uma região de imigração européia**. São Leopoldo: Oikos, 2014.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009.
- REINHEIMER, Dalva (org). **Terra, Gente e Fé: Aspectos de Taquara do Mundo Novo**. Taquara: FACCAT, 2005.
- SANDER, Berenice Fülber. MOHR, Flávia Corso. **Igrejinha- Uma história em construção**. Secretaria Municipal de Educação, 2004.